



miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 7, número 3, set.-dez. 2018

INTERAÇÃO E PARTICIPAÇÃO SIGNIFICATIVA: CARACTERÍSTICAS E ESTRUTURAÇÃO DO GÊNERO VLOG



INTERACTION AND SIGNIFICANT PARTICIPATION: CHARACTERISTICS AND STRUCTURING OF THE GENRES VLOG

Anair VALÊNIA
Yuri Pereira de AMORIM

Universidade Federal de Goiás, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 17/09/2018 • APROVADO EM 07/02/2019

Resumo

O surgimento da internet tem facilitado a busca por novas informações e conhecimentos, sendo um deles o estudo dos gêneros. Assim, esse artigo tem como finalidade evidenciar como o *vlog*, considerado nessa pesquisa como gênero discursivo digital, estrutura-se e como se dá a questão da interatividade. Para isso, serão utilizados como aporte teórico os autores Bakhtin (2003), Jenkins (2009) e Hayles (2009) e suas devidas teorias sobre estruturação do gênero, participação significativa e interatividade. A metodologia utilizada diz respeito à revisão e seleção de material teórico e à escolha de dois *vlogs* para análise, sendo eles *Quem é você*,

Alasca? e Tipos de mães – feliz dia das mães, mamães!. Os resultados esperados são contribuir para pesquisas voltadas para o campo digital e demonstrar se o *vlog* realmente organiza-se como gênero.



Abstract

The emergence of the Internet has facilitated the search for new information and knowledge, one of them being the study of genres. Thus, this article aims to show how *vlog*, considered in this research as a digital discursive genre, is structured and how the question of interactivity occurs. For this, the authors Bakhtin (2003), Jenkins (2009) and Hayles (2009) and their due theories on gender structuring, meaningful participation and interactivity will be used as theoretical contributions. The methodology used concerns the revision and selection of theoretical material and choice of two *vlogs* for analysis, being vowel *Quem é você, Alasca? and Tipos de mães – feliz dia das mães, mamães!*. The expected results are to contribute to digital field research and demonstrate if *vlog* really organizes itself as a genre.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Interatividade. Participação Significativa. Gênero Discursivo Digital. *Vlog*.

KEYWORDS: Interactivity. Meaningful Participation. Digital Discursive Genre. *Vlog*.

Texto integral

Introdução

Na contemporaneidade, há um repertório bastante diversificado de gêneros do discurso (orais e escritos) que surgem das mais diversas esferas de comunicação, desde um relato do cotidiano a um documento oficial, passando pelos gêneros que são essencialmente desenvolvidos e socializados em ambientes virtuais. Esses gêneros vão surgindo à medida que os sujeitos necessitam comunicar-se, seja em ambiente coloquial, seja em ambiente formal.

Assim, propomos, neste artigo, apresentar os resultados obtidos na investigação sobre o gênero discursivo digital *vlog*, que faz parte das práticas sociais de quase todos os indivíduos da sociedade moderna, principalmente dos adolescentes que, em sua maioria, fazem da navegação nos meios digitais a sua principal atividade diária. Serão analisados dois *vlogs* disponíveis na plataforma *YouTube*, um intitulado *Quem é você, Alasca?*, de Eduardo Cilto¹, publicado em 9 de dezembro de 2014, e o outro *Tipos de mães – feliz dia das mães, mamães!*², de Cacai Bauer, publicado em 2 de maio de 2016.

A seleção desses *vlogs* para análise ocorre em razão dos seguintes fatores: 1) por abordarem temáticas relacionadas à área de literatura – no caso específico do *vlog Quem é você, Alasca?*; 2) por evidenciarem a interação que pode ocorrer

entre sujeitos e as mídias sociais e entre os sujeitos e as obras literárias e 3) por notabilizar que sujeitos com algum tipo de deficiência são capazes de produzir conteúdos interessantes e atuais.

Para a investigação foram utilizados como aportes teóricos os autores Bakhtin (2003), que discorre sobre os gêneros discursivos, classificando-os como intrinsecamente constituídos por um conteúdo temático, uma estrutura composicional e um estilo; Jenkins (2009), para uma reflexão acerca de participação significativa e Hayles (2009) para discussões acerca de questões referentes à interatividade.

O artigo está organizado pelas seguintes seções: primeiramente, apresenta-se uma discussão sobre o *vlog*, mostrando pontos importantes sobre o gênero; posteriormente, é desenvolvida a fundamentações teórica com estudos de Hayles (2009) e Jenkins (2009) sobre interatividade e participação significativa; em seguida, é feita a distinção entre as duas teorias; logo após, são analisados os *vlogs* de Eduardo Cilto e de Cacai Bauer, utilizando como suporte as discussões anteriormente expostas; por fim, fundamentando na teoria de Bakhtin (2003), é explicado e analisado a constituição estrutural do gênero *vlog*, tomando como *corpus* os *vlogs* em estudo.

1 Uma breve contextualização acerca do gênero *vlog*

Vlog ou *videovlog* é uma variante do termo *weblogs* (estreitamento do termo inglês *web log*, ou seja, “diário de rede”). O *vlog* (junção de vídeo mais *blog*) é então uma derivação do termo *blog*, no qual os internautas, ao invés de publicarem textos, como é feito no *blog*, publicam vídeos nos quais abordam os mais diversos assuntos. O *vlog* é, ainda, uma produção enunciativa constitutivamente multissemiótica, que hibridiza em sua estrutura composicional enunciados compostos de muitas linguagens (ou modo, ou semioses), o que acaba por exigir “capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para significar” (ROJO, 2012, p.18).

A maioria dos *vloggers* ou *vlogueiros* (termos utilizados para nomear os criadores de *vlogs*) começam como amadores, utilizando apenas uma câmera e um editor de vídeos, e, à medida que adquirem experiência, vão aperfeiçoando-se. É importante ressaltar que o *vlog* não tem um tempo definido de duração (minutos, horas), esse aspecto fica a cargo do *vlogger* decidir. Outra característica desse gênero é que ele vem perdendo o seu cunho monológico, em que só o *vlogger* expressa sua opinião em relação a determinado assunto, enquanto os interlocutores apenas recebem o conteúdo e produzem sentido a partir do que foi abordado. Mais do que isso, os *vlogs* têm se tornado um espaço para troca de informações entre locutores e interlocutores, já que esses últimos não satisfazem-se mais em apenas fazer parte do processo de recepção do conteúdo, querem também opinar e reagir ao que foi dito, ou seja, desejam interagir com o *vlogger* e com a temática abordada.

A plataforma mais utilizada para publicação dos vídeos é o *YouTube*. Contudo, outros aplicativos vêm também ganhando visibilidade, como, por exemplo, o *Facebook*, o *Instagram* e o *Snapchat*. No entanto, ainda que essas redes tenham também tornado-se plataformas importantes para a publicação de *vlogs*, o foco desta pesquisa recai sobre *vloggers* que publicam o seu conteúdo na plataforma *YouTube*.

O *Youtube* foi criado por três ex-funcionários do *PayPal* (site bastante renomado, relativo a gerenciamento de transferências de fundos), Chad Hurley, Steven Chen e Jawed Karim, em fevereiro de 2005 e tem como função principal permitir que os seus usuários publiquem vídeos em formatos digitais.

Os *vloggers*, no entanto, não começaram depositando os seus vídeos no *YouTube*, já que esse é relativamente recente. Eles utilizavam outros sites e acabaram migrando para o *YouTube* por encontrarem na plataforma um mecanismo de fácil manuseio. Jenkins (2009) assim descreve essa plataforma:

se o *YouTube* parece ter aparecido da noite para o dia, é porque já havia uma miríade de grupos esperando por algo como o *YouTube*; eles já tinham suas comunidades de prática que incentivavam a produção de mídia DIY³, já haviam criado seus gêneros de vídeos e construído redes sociais por meio das quais tais vídeos podiam trafegar (JENKINS, 2009, p. 145).

Acredita-se que os primeiros *vloggers* surgiram entre o final da década de 1990 e início dos anos 2000. Uma das primeiras notícias publicadas no Brasil sobre *vlog* foi divulgada em novembro de 2004, no jornal *Folha* de São Paulo. A notícia veicula o seguinte teor: “Estimulados pelo acesso à internet com conexão de banda larga e pela queda dos preços das câmeras digitais, internautas começaram a incrementar seus blogues com vídeos e criaram uma nova categoria de diário virtual: os videoblogues” (BARRETO, 2004). Conforme Amaro (2011), na década de 1990 já havia um brasileiro (Rafinha Bastos) que poderia ser considerado um dos produtores de gênero com um formato semelhante ao *vlog* atual. Rafinha Bastos manifestou em entrevista à revista *Info* que já fazia vídeos para a internet desde 1990 e foi assim noticiado:

Nos anos 1990, Rafinha [Bastos] mudou-se para os Estados Unidos para tentar a sorte no basquete profissional. Foi lá que ligou a facilidade de criação e edição de vídeo com o poder de distribuição de conteúdo na internet. Montou a página do Rafinha, site onde publicava suas piadas, e começou a fazer sucesso com sátiras de videoclipes [...] Mas a relação do comediante com a internet vai além do microblog. No *YouTube*, divulga trabalhos e publica esquetes. Um deles, a série sobre os nojos específicos do seu cachorro Walmor, foi visto mais de 2 milhões de vezes (POLONI; MAIA; CAPUTO, 2011, p. 46-55).

Ainda que a cogitação em relação ao surgimento dos primeiros *vlogs* (final da década de 1990 e início dos anos 2000) não tenha sido confirmada, foi descoberto que o primeiro *videovlog* foi criado ainda na década de 1970. Conforme aponta Amaro (2011), “Sam Klemke, desde os seus 19 anos (na década de 1970), já fazia vídeos de curta duração, nos quais relatava seu amadurecimento pessoal. Klemke produzia seus vídeos como um experimento pessoal, acima de tudo. Inegável não associá-lo aos atuais *vlogueiros*” (AMARO, 2011, p. 163).

É possível dizer que os *vlogs* são cada vez mais comuns na sociedade, com criações cada vez mais recorrentes (já que muitas pessoas espelham-se nos famosos *youtubers* e acabam criando seus próprios *vlogs*, utilizando principalmente a câmera do celular), sendo de fácil acesso e disponibilizados para todos que tenham interesse e uma conexão à internet.

2 Interatividade e participação significativa

2.1 A Interatividade na perspectiva de Hayles

Conforme pondera Hayles (2009), a interatividade, na maioria das vezes, é uma das principais características dos conteúdos na *web*. A autora argumenta que o sujeito e a máquina tornam-se elementos distintos compostos para a produção e a criação de forma e conteúdo literários. Ou seja, a interação entre sujeito e máquina tem permitido a construção de novos conteúdos, tais como os gêneros digitais. Essa interatividade é perceptível quando o gênero hibridiza recursos que unem locutor e programa, interlocutor e obra. Isto é, se o locutor consegue criar uma obra utilizando determinado programa, e esta plataforma permite exercer interação com o interlocutor, então ele está conseguindo interligar o sujeito à obra, possibilitando a dinamicidade para entender a construção do texto, sem necessariamente seguir a ordem início - meio - fim.

Em tratando-se do gênero discursivo digital *vlog*, seguindo a perspectiva de Hayles (2009), é possível dizer que esse gênero garante pouca interação com o conteúdo (além da possibilidade de curtir, comentar, se inscrever e/ou compartilhar), já que não há diálogo entre o *vlogger* e os seus seguidores. Um dos motivos pelo qual não há esse diálogo é a ausência de interação dos leitores com o enredo, pois, já que a obra em sua constituição é linear, não necessita de auxílio para sua construção.

Outro aspecto predominante nos *vlogs*, que não permite quase nenhuma interatividade, é a linearidade característica do gênero. Os *vlogs*, diferentemente dos hipercontos (conto digital que permite ao leitor certa interatividade, dando liberdade para que ele, por exemplo, escolha qual rumo a história deve seguir) e dos minicontos digitais (contos muito pequenos, com no máximo uma página, e que também podem requerer a ação dos interlocutores para o desenrolar de seu enredo), não deixam de seguir um desenvolvimento linear, seguindo o padrão início, meio e fim, no qual os *vloggers* apresentam a ideia de forma objetiva e transparente.

2.2 O conceito de participação significativa proposto por Jenkins

De acordo com a proposta teórica de Jenkins (2009) sobre interatividade, os sujeitos, na sociedade atual, não limitam-se a serem apenas indivíduos que consomem algum gênero, seja ele uma obra física ou uma obra virtual. Mais do que isso, os sujeitos discutem, opinam, reagem e propagam seus pensamentos nos diversos tipos de mídias existentes. Jenkins (2009), diferencialmente de Hayles (2009), nomeia de “consumidor” os sujeitos que desfrutam de alguma mídia, enquanto os locutores são chamados de “produtores”. Ainda que haja esta distinção entre os autores, os termos neste artigo continuarão seguindo a nomenclatura “locutor/interlocutor” ou “autor/leitor”, para explicar o sujeito tanto na teoria de Hayles (2009) quanto na teoria de Jenkins (2009).

Seguindo o raciocínio de Jenkins (2009), os locutores mais bem-sucedidos sempre serão aqueles que não só ouvirão (receberão a informação), mas escutarão (ouvirão e atribuirão significado ao que escutaram) seus interlocutores, atendendo às suas demandas e permitindo que eles participem na criação e desenvolvimento de suas futuras ideias. O autor também reconhece que todas as pessoas são importantes para que um trabalho obtenha reconhecimento e fortaleça-se no mercado, sejam essas pessoas locutoras, interlocutoras ou simples observadoras.

Nessa perspectiva, e seguindo o que propõe Jenkins (2009), é possível dizer que todas as pessoas são importantes no processo de reconhecimento de uma ideia, obra, gênero ou produto, porque, enquanto os autores estão tentando criar um produto diferente, inovador, necessário e de qualidade, os interlocutores, além de serem os principais leitores das obras (digitais ou físicas), são os que as avaliam, dizendo se elas estão boas ou ruins, e o que precisa ou não ser melhorado. Já os observadores são aqueles que veem a novidade em alguma propaganda, notícia de jornal ou página da internet, e, mesmo que acabem não a adquirindo, acham interessante, comentam e recomendam para familiares, amigos ou conhecidos. Ademais, conforme Jenkins (2009), é normal, nos dias atuais, que um interlocutor também seja locutor, assim como um leitor pode também ser autor.

Refletindo acerca do *vlog* na concepção de Jenkins (2009), percebe-se que esse gênero pode ser consumido pelos internautas com muita frequência (e de fato o é, mais especificadamente, pelo público infanto-juvenil), especialmente aqueles que utilizam as mídias digitais como forma de entretenimento ou busca por novidades e notícias atuais.

Outra motivação para os *vlogs* serem muito consumidos, além da agilidade para divulgarem uma informação, é que os seus autores estão sempre falando de assuntos atuais, buscando atender aos interesses de seus interlocutores. Além disso, os interlocutores também têm a possibilidade de expressarem seus pontos de vista por meio da aba de comentários, no intuito de tornarem os vídeos dos criadores melhores e mais acessíveis.

Os *vloggers* estão, em sua maioria (não em sua totalidade, como veremos mais adiante na análise do *vlog Quem é você, Alasca*), sempre dispostos a lerem os

comentários dos seus leitores, no intuito de perceberem o que eles estão achando, para que possam então melhorar seus vídeos e validarem as ideias de seus seguidores. Se fazem isso e recebem de forma positiva as críticas, sabendo escutar aos que assistem aos seus vídeos e utilizar os feedbacks produtivamente, suas mídias estão sujeitas ao sucesso, pois atender às expectativas do público alvo, fazendo o que eles querem, é o ponto principal para se obter assinantes fiéis e não apenas audiência aleatória

Dessa forma, acredita-se que os *vlogs* são gêneros cada vez mais consumidos por diferentes tipos de internautas, permitindo que esses tenham acesso livre às produções a qualquer momento, podendo inclusive fazer o *download* dos vídeos que considerarem mais interessantes e posteriormente, disponibilizá-los para qualquer conhecido.

Os *vlogs* são fáceis de serem produzidos, pois necessitam de poucos equipamentos e conseguem muita audiência e público. É importante ressaltar que Jenkins (2009) evidencia a distinção entre os termos *audiência* e *público*. Enquanto o primeiro é utilizado para referir-se a uma quantidade de pessoas que não necessariamente acompanham todas as publicações ou episódios de alguma trama/sujeito, o segundo é utilizado para aqueles que presenciam todas as novidades de seus ídolos, suas publicações, ou até mesmo cada episódio de uma novela.

2.3 As diferenciações constatadas entre as teorias de Hayles e Jenkins

Diante das teorias apresentadas, fica compreensível a visão de Hayles (2009) e Jenkins (2009) em relação ao termo interação. Enquanto Hayles (2009) considera a interatividade como um aspecto dinâmico, que une interlocutor e programa, locutor e obra, Jenkins (2009) acredita que a interatividade está ligada ao quanto o interlocutor pode interferir na obra do locutor, seja em fase anterior à sua produção, durante o seu desenvolvimento ou em fase posterior à sua conclusão. As distinções persistem quando Hayles (2009), por um lado, diz que a interatividade possibilita ao locutor certa participação na escolha de qual rumo a história deve seguir (como acontece nos gêneros discursivos digitais hipercontos, minicontos, novelas digitais etc.), enquanto Jenkins (2009) considera, por outro lado, que o interlocutor, só em ler ou consumir a obra de determinado autor, já está interagindo, pois é por meio desse primeiro passo de interação que ele tem oportunidade de potencializar uma visão em relação ao gênero que está sendo lido, e, a partir dessa ação, recomendar, criticar e desenvolver seus sentidos.

É possível perceber que as ideias de Hayles (2009) e Jenkins (2009) seguem caminhos opostos para determinarem o conceito de interação. Em tratando-se do gênero digital *vlog*, seguindo a teorização de Hayles (2009), a interação será mínima. O *vlogger*, ao produzir e disponibilizar a sua obra em uma plataforma de compartilhamento de conteúdo, apresenta sua concepção sobre algum assunto específico, sem fugir do modelo cânone início, meio e fim. Ele tenta ser o mais breve e objetivo possível, a fim de conseguir passar a informação de maneira clara

e rápida e, no fim, possibilitar a breve interação com o interlocutor, solicitando que ele deixe o seu *Like* (Curtir) se tiver gostado do *vlog*, ou ainda solicitando que comente, compartilhe e inscreva-se.

Conforme a proposta teórica de Jenkins (2009), a interação é maior e mais proveitosa, pois o futuro do *vlogger* está nas mãos dos seus interlocutores que decidem se ele é bom ou não e, ainda, se ele é capaz de atender às demandas de seu público. O interlocutor pode interagir na etapa inicial de produção do *vlog*, no seu desenvolvimento e em sua conclusão. Na etapa inicial, partindo do pressuposto de que o *vlogger* trabalha com o intuito de criar uma mídia atual, com temática interessante, capaz de chamar a atenção do público; no desenvolvimento, tendo a oportunidade de expandir seus pensamentos sobre o que está sendo veiculado, avaliando se é bom, se é o que o público e a audiência querem e precisam; e, na conclusão, refletindo acerca da mediação possibilitada pela aba de comentários, sobre o que pode ser feito para ele não perder assinantes, sobre o que foi bom e sobre o que deve ser retirado, podendo também, o interlocutor, caso aprove o *vlog* e seu conteúdo, compartilhar em redes sociais, divulgar e explicitar o tema daquele vídeo.

Essa interação só funcionará se o locutor ler os comentários e der um feedback aos seus assinantes e público aleatório⁴, pois, caso ele não o faça, romperá com todo o conceito de interação proposto por Jenkins (2009), que acredita que assinantes e seguidores em plataformas de compartilhamento de conteúdo são mais do que números, são clientes de um produto, que, nesse caso, é o gênero discursivo digital *vlog*.

3 Interatividade e participação significativa no gênero discursivo digital *vlog*

O intuito das discussões teóricas apresentadas anteriormente é mostrar como os *vlogs* não requerem quase nenhuma interação, na perspectiva de Hayles (2009), mas que, por outro lado, são gêneros bastante consumidos, fazendo com que tenham, na perspectiva de Jenkins (2009), certa dinamicidade, já que é esse o fator que torna determinante a carreira de um *vlogger*. A partir disso, serão analisados dois *vlogs* específicos a fim de mostrar como as teorias de Hayles (2009) e Jenkins (2009), descritas anteriormente, enquadram-se dentro desse contexto.

Os *vlogs* selecionados para uma pesquisa mais detalhada nesta investigação foram retirados da plataforma *YouTube* e possuem temas distintos. Enquanto o canal de Cacai Bauer (*Cacai@Bauer*) está relacionado, em sua maioria, com paródias e imitações de situações do cotidiano, o de Eduardo Cildo (*Perdidonoslivros*) tem como tema prevalente análises, comentários e indicação de livros, séries e filmes.

O canal *Perdido nos Livros*, foi criado na plataforma *YouTube* no dia 2 de novembro de 2012, e até o dia 28 de abril de 2018, possuía 322.468 inscritos e um total de 10.643.531 visualizações, o que não é um número padrão, pois qualquer

pessoa conectada à internet pode acessar e, se gostar, inscrever-se, alterando a quantidade de assinantes e visualizações quase que diariamente.

Os *vlogs* do canal *Perdido nos Livros* têm como principal intuito cultivar o hábito de leitura, de forma criativa e divertida, entre jovens e adultos. Além de livros, às vezes, são discutidas também temáticas relacionados a filmes e séries. Todas as segundas-feiras, às 21h da noite, são postadas novas produções no canal. Além de suas produções de *vlogs*, o vlogueiro escreveu sua primeira obra literária (*Traços*) no ano de 2016. O *vlog* que será analisado é o intitulado *Quem é você, Alasca?*, publicado no ano de 2014, cujo título faz referência direta a uma obra de John Green.

O canal de Cacai Bauer, também disponibilizado na plataforma *Youtube*, foi criado no dia 05 de dezembro de 2013, e até o dia 28 de abril de 2018, possuía 273.509 inscritos, 11.512.364 visualizações e mais de 70 vídeos publicados. O canal da *vlogger* possui uma temática distinta de Eduardo Cilto. Sendo a primeira *vlogger* com Síndrome de Down no Brasil, Bauer faz *vlogs*, em sua maioria, de paródias de músicas famosas, tutoriais ensinando a produzir objetos, além de vídeos que tendem a imitar personalidades e gestos de pessoas, sejam famosas (como é o caso da *Supernanny*) ou personagens comuns, como de alunos, filhos e pais. O *vlog* selecionado no canal da *vlogger* para análise é o *Tipos de mães – Feliz dia das mães, mamães!*, publicado no ano de 2016.

Uma das finalidades desse canal é o de transmitir aos seus inscritos que pessoas com deficiências têm capacidade para realizar atividades e trabalhos como qualquer outro sujeito. Além disso, mostra que essa ideia de que pessoas com deficiência são limitadas, não passa de um julgamento precipitado, impedindo que elas mostrem-se ou mostrem suas habilidades.

Passemos então à análise sobre interatividade e participação significativa, abordagens propostas por Hayles (2009) e Jenkins (2009), respectivamente, nos *vlogs* em estudo. Pode-se dizer que Hayles (2009), ao trabalhar as questões de interatividade, acredita que o sujeito, inserido em uma plataforma digital, necessita criar vínculo com a obra, de forma que, mesmo que de maneira limitada, consiga participar da narrativa, contribuindo com o seu desenvolvimento e/ou conclusão.

Já na visão de Jenkins (2009), todo sujeito é importante no processo de dinamicidade de uma obra e, só por acompanhar um *vlog*, por exemplo, ele já tem grande participação, pois pode compartilhar seu conteúdo com amigos, promovendo um processo de interação com a produção. Além disso, Jenkins (2009) considera os comentários relevantes no processo como um todo, pois é dessa maneira que os interlocutores poderão expressar-se, dizendo o que é bom e avaliando o que precisa ser alterado.

Diante dessa perspectiva, é possível chegar a duas conclusões distintas. A primeira está ligada ao que Hayles (2009) denomina como interatividade. Os *vlogs*, partindo da abordagem teórica da autora, possuem pouquíssima dinamicidade entre locutor e interlocutor, pois o locutor busca fazer vídeos objetivos e diretos, no intuito de transmitir o conteúdo de forma transparente e rápida ao interlocutor. Outro fator que impossibilita a dinamicidade entre locutor e espectador está no fato de que dificilmente locutores criam conteúdos síncronos (em *lives*, por

exemplo), o que, caso ocorresse, proporcionaria uma interação direta com o espectador.

Com o intuito de promover um processo de interação entre os seus *vlogs* e os seus interlocutores, o locutor pode solicitar que eles (i) curtam; (ii) cliquem em “Gostou” ou “Não Gostou”; (iii) compartilhem; e (iv) inscrevam-se. Caso considerem interessante, os seus leitores podem ainda opinar na aba de comentários. Por outro lado, considerando a definição de Hayles (2009), esse não é um processo importante, afinal, segundo a teórica, a interação deve ocorrer diretamente, como por exemplo, quando o interlocutor tem possibilidade de escolher caminhos e tomar decisões.

Em conformidade com os estudos de Jenkins (2009) sobre participação significativa, conforme dito anteriormente, o envolvimento do interlocutor é muito importante para o locutor, pois é por meio dessa interação que os locutores podem obter um *feedback* sobre os *vlogs* desenvolvidos. Ao assistir aos vídeos, os internautas podem expressar suas opiniões na aba de comentários, na tentativa de que o autor leia e agregue essa ideia às suas próximas produções, melhorando o seu conteúdo para futuros *vlogs*.

Outro ponto importante é a guia de compartilhamento, pois é a partir dela que os interlocutores partilham o conteúdo em suas redes sociais e com seus amigos/conhecidos. O Curtir, outra ferramenta disponibilizada pelo *Youtube*, é também uma forma de avaliar se o conteúdo está agradando ou desagradando ao público. Caso não seja o esperado, o locutor precisa atentar-se mais ainda aos comentários para entender o equívoco e descartá-lo em futuras produções.

Ao analisar o *vlog Quem é você, Alasca?*²⁵, é possível observar que, até o dia 28 de abril de 2018, o vídeo havia recebido 112.205 visualizações, enquanto que, de vinte comentários investigados, nenhum foi respondido. Houve comentários como: “Acredito que a falta de personalidade do Gordo, foi intencional... É isso que torna a relação dele com a Alasca tão fofa, para um homem que não tem personalidade, uma mulher que transborda”; “‘Quem é você, Alasca?’ mostra uma fórmula que percebi em outros livros do John Green, personagem principal com falta de personalidade, que vive em prol do alvo de sua paixão, que sempre é uma personagem misteriosa, de personalidade bastante peculiar, que tenta de todas as maneiras mostrar-se diferente dos demais adolescentes. Mas o que me deixou frustrada neste livro foi o fato do Miles e do General não se atentarem para os ‘por quês’ que levaram a Alasca a tomar tal/tais decisão/decisões”; “Amei o livro ♡♡♡ Fala sobre o que achou sobre A Esperança parte 1? Pf eu amei ♡”; “Edu vc me deixou com vontade de ler, muito obrigada”.

Nesses poucos excertos aqui apresentados, é possível observar que são postados tanto comentários longos, avaliativos e densos, quanto comentários rápidos, escritos com poucas palavras e avaliações. Entretanto, nenhum desses comentários, sejam os mais densos, sejam os mais simples, mereceram a atenção do *vlogger*, pois ele não interage com nenhum de seus seguidores. Mesmo quando são feitas indagações ou postadas dúvidas sobre a obra que ele está resenhando, ou outras que ele poderia discutir, o autor não apresenta nenhuma resposta ou interação. É interessante destacar que a publicação possui quase 500 comentários

e as respostas a esses comentários são feitas apenas pelos próprios seguidores, não sendo possível localizar nenhuma resposta postada pelo *vlogger* Eduardo Cilto.

Sobre a opção de interação com as ferramentas “Gostei” e “Não gostei”, houve uma porcentagem bastante diferenciada entre as duas possibilidades, enquanto o número de “Gostei”, até o dia 28 de abril de 2018, apontava mais de 11.000 interações, o de “Não gostei” apontava apenas 84 marcações. Essa diferença significativa entre as posições de aprovação e desaprovação do *vlog* publicado mostra que o *vlogger* fez uma boa produção, soube expressar-se, trabalhar o conteúdo de forma divertida e conseguiu deixar seus seguidores bem a vontade para expressarem-se na aba de comentários. Entretanto, o problema observado foi a falta de interação entre locutor e interlocutor ao não responder aos comentários postados. Ao responder as postagens, o *vlogger* poderia estabelecer uma participação significativa, nos moldes do que propõe Jenkins (2009). Além disso, ficaria evidenciada a sua preocupação com a opinião dos seus leitores e a sua busca por progresso e melhora de seu conteúdo.

Já no *vlog Tipos de mães - feliz dia das mães, mamães!*, que contava, até 28 de abril de 2018, com 57.121 visualizações, houve um processo de interação entre locutor e interlocutor maior. Também foram analisados vinte comentários e, dentre eles, Bauer respondeu cinco. Alguns dos comentários respondidos foram: “linda amei o vídeo continue assim que você vai longe”; “te adoro Cacaí, já vi todos os seus vídeos! Não perco um, você é muito engraçada, uma das melhores *youtubers*”. Desses vinte comentários, houve interlocutores que expressaram sua opinião sobre a *vlogger*, promovendo uma avaliação de sua atuação, quebrando as barreiras sobre proposições de senso comum de que pessoas com deficiência não são capazes de tomar certas atitudes e desempenhar certas funções na sociedade; e também comentários voltados especificadamente para o *vlog*, dizendo que ela está no caminho correto, que deveria trilhar o mesmo percurso para a produção de vídeos futuros.

A respeito da opção “Gostei” e “Não gostei”, Bauer também tem uma porcentagem bastante distinta entre as duas opções. Até o dia 28 de abril de 2018, a opção “Gostei” foi utilizada pelos leitores mais de 3.300 vezes e a opção “Não gostei” foi utilizada 112 vezes. Como dito na análise do *vlog Quem é você, Alasca?*, a diferença de quantitativo entre as opções “Gostei” e “Não gostei” é uma motivação para Cacaí continuar fazendo os seus *vlogs*, pois demonstra que eles estão sendo bem-sucedidos, que a *vlogger* faz um bom trabalho, passa um conteúdo alegre e extrovertido e que ainda consegue interagir com o público.

Assim, os *vlogs Quem é você, Alasca?* e *Tipos de mães – feliz dia das mães, mamães!* representam bem os conceitos de Jenkins (2009) e Hayles (2009) sobre interação. Apesar de haver uma dinamicidade e participação significativa maior, observadas a partir da lógica da teoria de Jenkins (2009), há também uma pequena interação nos *vlogs*, que pode ser explicada por meio da proposta teórica de Hayles (2009). Essa perspectiva teórica fica evidenciada, por exemplo, quando Eduardo Cilto pede que os seus interlocutores comentem se já leram ou não o livro e o que acharam; e também quando Cacaí Bauer pede para que os sujeitos que a estão assistindo deixem na aba de comentários qual é o tipo de mãe deles; ou ainda

quando os *vloggers* pedem que os espectadores deixem o seu “Curtir” e, ainda, compartilhem o conteúdo com os amigos.

4 Bakhtin: estrutura composicional, conteúdo temático e estilo nos *vlogs* em análise

Conforme Bakhtin (2003, p. 262), “cada campo de utilização da língua elabora seus tipos ‘*relativamente estáveis*’ de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso”, ou seja, cada sujeito que utiliza a língua, cria seus enunciados moderadamente fixos, para que haja uma comunicação entre aqueles que estão em processo de interação. Os gêneros discursivos são utilizados o tempo todo, por todos os indivíduos e, na maioria das vezes, são ativados pelo inconsciente. O autor afirma ainda que “o gênero sempre é e não é ao mesmo tempo, sempre é novo e velho ao mesmo tempo” (BAKHTIN, 2003, p. 106). Nessa passagem, fica evidenciado que o *relativamente estável*, usado para definir os gêneros discursivos, diz respeito ao fato de que os gêneros, assim como a língua, sofrem variações ao longo do tempo, pois, da mesma maneira que a língua vai transformando-se, moldando-se, eles (os gêneros) também vão.

Bakhtin (2003) considera que os gêneros discursivos são formados a partir de três elementos essenciais, sendo eles: a estrutura composicional, o conteúdo temático e o estilo. Para o autor, esses três elementos fundem-se na realização dos enunciados. O estilo é entendido como a “seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais” (Bakhtin, 2003, p. 279) e está indissolúvelmente ligado ao enunciado e, logo, à estrutura composicional e ao conteúdo temático. A estrutura composicional diz respeito à própria forma de apresentação e organização do gênero, à sua estruturação, à sua apresentação organizacional, à sua forma de acabamento. Por fim, em relação ao conteúdo temático, o autor defende que esse diz respeito à criação da significação do enunciado, isto é, não somente ao tema no sentido mais convencional (assunto), mas também à refração ideológica, à apreciação de valor que este pode tomar em um enunciado específico.

Apoiado na discussão proposta por Bakhtin (2003), ao tratar o gênero discursivo e seus elementos formadores, será dado, a partir de agora, prosseguimento às análises dos *vlogs* *Quem é você, Alasca?* e *Tipos de mães – feliz dia das mães, mamães!*, exibindo os elementos constitutivos do gênero discursivo em suas mídias e como eles apresentam-se.

Eduardo Cilto, ao criar o *vlog* *Quem é você, Alasca?*, faz uma resenha da obra literária de mesmo nome, cujo título, conforme explicitado anteriormente, é originário do inglês *Looking for Alaska*, escrito pelo autor norte-americano John Green e publicado pela primeira vez em 5 de março de 2005. O *vlog* apresenta aos seus seguidores e aos espectadores uma breve introdução da obra, indicando a personalidade de alguns personagens e o contexto da história. O *vlogger* expõe o conteúdo e em seguida, sua visão sobre a narrativa, solicitando, ao final do vídeo, que os sujeitos inscrevam-se em seu canal (no caso, na plataforma *YouTube*) e que

relatem nos comentários se já leram a obra do autor. Por fim, ele finaliza pedindo aos internautas que falem sobre o livro preferido deles escrito por John Green.

O conteúdo temático, que relaciona-se não apenas ao tema (assunto), mas também à refração ideológica (BAKHTIN, 2003), é evidenciado no título do *vlog*. A designação proposta pelo locutor deixa evidente que o assunto tratado será baseado em um livro bastante conhecido pela comunidade de adolescentes. Assim, o tema em análise é literário (tratando-se de uma obra específica, *Quem é você, Alasca?*).

O segundo elemento analisado no *vlog* é a estrutura composicional, que refere-se à forma de apresentação, organização e acabamento do gênero (BAKHTIN, 2003). Nos *vlogs* em geral, a estrutura composicional constitui-se seguindo uma forma linear, com início, desenvolvimento e fim. Em sua maioria, há um único locutor apresentando o assunto, mas, em alguns casos, há a presença de mais de um sujeito, o que mostra que os *vlogs* vêm perdendo esta característica monológica. O assunto é exibido de forma resumida e objetiva e o encerramento normalmente é feito com o *vlogger* solicitando que os leitores deixem a opinião sobre o que acharam do vídeo, que curtam e compartilhem. Há também a presença de multissemoses em que o autor, além de usar a linguagem oral, faz uso de outros conteúdos, sendo eles sonoros (músicas, ruídos etc.), para designar algum sentimento ao interlocutor (medo, raiva, pavor, alegria etc.), gráficos, de imagens, etc. Por fim, os *vloggers* transmitem o assunto de maneira natural, como se fossem íntimos dos sujeitos que lhes ouvem.

Voltando ao *vlog Quem é você, Alasca?*, a estrutura composicional é formada pelos seguintes aspectos: (i) vinheta; (ii) apresentação do *vlogger*; (iii) apresentação do assunto; desenvolvimento e conclusão; (iv) uso de multissemoses, tais como música de fundo; (v) um único locutor; e (vi) assunto desenvolvido de forma resumida e transparente.

Cilto inicia o *vlog* com uma das passagens mais conhecidas da obra: “Se as pessoas fossem chuva, eu seria a garoa e ela, um furacão” (é importante observar as semioses que o autor do *vlog* usa para compor esse trecho: uma cena em preto e branco de um rapaz ao lado de garrafas e uma moça fumando um cigarro). Logo após, surge na tela a vinheta de seu canal – Figura 1. É de grande importância ressaltar que a vinheta do canal muda com o tempo. Acredita-se que um dos fatores causadores desta alteração é o fato do *vlogger* se tornar melhor em edições, fazendo algo mais chamativo e atrativo do que a vinheta anterior. A vinheta também pode ser alterada pelo fato de tornar-se cansativa à medida que o tempo vai passando.

Figura 1: *Quem é você, Alasca?*



Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=MSTMdnS64Uw>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

Em seguida, Cilto pergunta aos ouvintes se eles estão bem e apresenta o bordão típico de seus *vlogs*: “E ai, pessoal! Tudo bem com vocês? Eu sou o Edu do Perdido nos livros e hoje...”. Ao apresentar o conteúdo do *vlog*, explica de onde foi retirado o tema e resenha rapidamente a história, relatando alguns trechos que lhe chamaram a atenção: “Nesse livro você vai entrar na pele do Miles...”, “Miles decide ir para um internato em outra cidade, à procura do que ele chama do seu “grande talvez”. À medida que Eduardo vai falando, o ouvinte consegue perceber sua naturalidade ao apresentar o enredo do livro, como se estivesse falando com um amigo, inclusive fazendo uso de alguns palavrões e de uma linguagem marcadamente informal – característica do gênero discursivo digital *vlog*.

Em certa parte, o *vlogger* simula um diálogo, como se estivesse falando com sua mãe. Para compor essa cena, o próprio Cilto caracteriza-se de “mãe”, usando uma peruca e um vestido. Essa estratégia parece ser usada não somente para introduzir a narrativa, mas também para, mais uma vez, aproximá-lo do seu leitor, com um estratagema lúdico e engraçado. O diálogo ocorre então da seguinte forma:

Mãe:

- Posso saber pra onde cê tá indo? Vai fumar! Vai beber! Vai usar droga!.

Filho:

- Mãe?! Eu tô só seguindo meu sonho. Eu tô indo buscar meu “grande talvez”.

O destaque do trecho pode ser atribuído à expressão “Eu tô indo buscar meu ‘grande talvez’”, que motiva o personagem do livro a sair em suas aventuras. Dentre as diversas semioses que surgem durante o desenrolar do *vlog*, nesse trecho é possível observar uma bastante interessante, a utilização de uma música do jogo “Mário World”, juntamente com o termo “otário” escrito na tela. O jogo, e,

portanto, a sua música característica, é bastante conhecida pelo público infanto-juvenil, o que leva a inferir que Cilto está sempre trazendo elementos que permeiam o universo jovem, numa tentativa de aproximação com o seu seguidor.

Após uma breve introdução do livro, o *vlogger* começa a expressar o seu ponto de vista em relação à obra: “Um ponto que eu achei negativo foi que o livro foi dividido de um jeito que desde o começo dá pra saber que vai acontecer alguma coisa lá pra metade”, ou seja, ele procura apresentar a sua crítica, expondo os pontos positivos e os pontos negativos observados. E assim prossegue analisando os personagens, a estrutura composicional do romance (que na avaliação de Cilto é organizada de forma previsível), a personalidade meio titubeante do protagonista etc.

Posteriormente, Eduardo cria e interpreta uma cena com o objetivo de estabelecer uma comparação entre a ficção retratada na obra e a vida real. Novamente, parece que essa é mais uma estratégia do autor para fazer uma crítica ao conteúdo da obra resenhada. Ele procura destacar o *nonsense* da constituição da personalidade do protagonista. A cena fica, então, assim organizada:

Diálogo entre dois jovens, retratado no livro, sobre a motivação para fumar:

- Cara, a verdade é que eu não fumo por fumar, eu fumo pra morrer.
- Pode crê, cara. Como você é inteligente.

Diálogo entre dois jovens, na vida real, sobre a mesma temática:

- Cara, a verdade é que eu não fumo por fumar, eu fumo pra morrer.
- Cê tá louco? Cê é idiota? Cê tem problema. Eu, hein?! Tchau, cara, tchau.

Para compor a cena, Cilto utiliza-se de algumas semioses que ajudam a constituir a estrutura composicional do vídeo e auxiliam na produção de significados. Os destaques podem ser atribuídos tanto para a música, que possui uma melodia triste, quanto para o jogo de imagens com fragmentos coloridos e fragmentos em preto e branco. Assim, para estabelecer um contraste entre o diálogo da vida real e o mesmo diálogo na vida ficcional, é utilizado o recurso de jogo com as cores. Para destacar as discrepâncias entre realidade e ficção, a cena muda repentinamente de preto e branco (ficção) para colorida (realidade), demarcando bem o *nonsense* do que estava sendo dito anteriormente.

Por fim, faz parte também da estrutura composicional do gênero discursivo digital *vlog* o fechamento com um apelo ao internauta. E assim, também Eduardo Cilto conclui expondo a sua avaliação sobre o livro e solicitando às pessoas que o assistam, curtam e compartilhem.

O último elemento analisado no *vlog* diz respeito ao estilo. O estilo, como dito anteriormente, é compreendido como a escolha ou seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais (BAKHTIN, 2003). Os *vloggers*, em geral, costumam utilizar uma linguagem informal, com intuito de criar um vínculo maior com seus interlocutores, já que o uso coloquial costuma ser empregado em ambientes em que os sujeitos têm uma proximidade e intimidade. É também notável a presença de frases com verbos no presente do indicativo para dar a impressão de que o *vlogger* está comunicando-se com o leitor no exato momento em que ele decide assistir ao vídeo. Essa tentativa de demarcar intimidade é também sinalizada por gestos, ações, uso de palavrões e risadas de seus próprios erros. Nos exemplos transcritos a seguir, são notórios esses recursos lexicais e gramaticais: “Nossa, que **bosta**, meu Deus”, “Eu sou o Edu do perdido nos livros e hoje eu **tô** aqui pra falar do primeiro romance do autor norte-americano John Green”. “**Vamo** lá, **que que** eu achei do Miles: a primeira coisa que vem na minha cabeça é a falta de personalidade”. “O livro foi **prum** lado totalmente diferente no final”.

Concluída a investigação do *vlog Quem é você, Alasca?*, parte-se agora para a análise do *vlog* de Cacai Bauer, que expõe como temática central os tipos de mães observados por ela. Para uma melhor compreensão do gênero em investigação, analisa-se o conteúdo temático, prosseguindo com uma reflexão acerca da estrutura composicional e concluindo com a análise do estilo (BAKHTIN, 2003).

O conteúdo temático do *vlog Tipos de mães – feliz dia das mães, mamães!*, assim como no *vlog Quem é você, Alasca?*, pode ser deduzido logo no título, já que fica explicitado que serão tratadas maneiras de agir das mães: a mãe preguiçosa, a mãe limpeza, a mãe radar e a mãe vidente. Assim, o tema do *vlog* aborda uma temática voltada para a imitação de personalidades (que no caso são as mães).

A estrutura composicional do *vlog* é formada por uma introdução, na qual a *vlogger* apresenta-se (característica comum da estrutura composicional desse gênero) e questiona como vão os interlocutores. “Olá, especiais de minha vida! Sou eu, Cacai Bauer. Bem-vindos ao meu canal. Tá tudo bem com vocês? Tá tudo bem comigo. Hoje eu vou falar pra vocês...”. Em seguida, surge uma vinheta colorida, que, em parte, sinaliza a finalização da introdução do *vlog* e indica o início de seu desenvolvimento.

No desenvolvimento do vídeo, Bauer narra os diversos tipos de mães, sendo elas: mãe preguiçosa, mãe limpeza, mãe radar e mãe vidente. Observe algumas transcrições retiradas do *vlog*, nas quais há uma simulação de diálogo entre mãe e filho (para auxiliar na composição dessa cena, Bauer conta com a participação de seu irmão que interpreta o papel de filho, enquanto ela própria desempenha o papel de mãe):

Diálogo em que interpretam a mãe preguiçosa:

Mãe:

- Filhoooo! Me dê um copo de água.

Filho:

- Mas mãe, a água tá ai do seu lado.

Diálogo em que interpretam a mãe vidente:

Mãe:

- Leve guarda-chuva que vai chover.

Filho:

- Que chover que nada.

Como o *vlog* é relativamente curto, pouco mais de um minuto, Bauer utiliza-se de maneira recorrente da estratégia de encenação para expor ao seu seguidor o seu objetivo: apresentar os tipos de mães que ela considera mais relevantes. Nesse sentido, o *vlog* é constituído basicamente pelas interpretações e, entre uma e outra, a própria Bauer aponta a cena que virá a seguir. Esse recurso acaba sendo interessante, pois, além de não ser maçante, é constituído de forma lúdica e engraçada. Outro aspecto que chama a atenção é a participação de outra “personagem” na narrativa (no caso, o irmão da *vlogger*), rompendo com a estrutura monológica cânone do gênero.

Quanto ao estilo, o *vlog Tipos de mães – feliz dia das mães, mamães!* é também formado por verbos no presente do indicativo. Essa característica é recorrente em grande parte dos *vlogs*, independente de sua plataforma, já que esse tempo verbal tende a aproximar leitor e produtor. Há também a presença de uma linguagem informal, o que novamente aproxima os sujeitos envolvidos nos processos de produção e recepção do gênero. É possível notar, ainda, a intimidade que os *vloggers* tentam passar em seus *vlogs*. No canal de Bauer, por exemplo, há vídeos em que ela arrota em frente às câmeras, ação que demonstra certa familiaridade com quem a assiste, pois a *vlogger* poderia ter cortado essa parte, mas opta por deixá-la na edição publicada, interessada em mostrar descontração.

Considerações finais

O gênero discursivo digital *vlog* tem mostrado-se um gênero com muita visibilidade entre os jovens e adolescentes, não apenas para transmissão de informações, mas também para propiciar aos sujeitos interações entre si.

Nesta pesquisa, buscamos evidenciar a maneira como estruturam-se os *vlogs*, em específico *Quem é você, Alasca?* e *Tipos de mães – feliz dia das mães, mamães!*, bem como o modo como ocorrem as interações entre locutor e interlocutor no gênero. Por meio de levantamento bibliográfico, foi possível observar que os processos de interação nem sempre acontecem de forma direta, isto é, em tempo real. Além disso, constatamos que, muitas vezes, o interlocutor não tem a possibilidade de mudar o rumo do *vlog* ou tomar decisões que afetam a linearidade do conteúdo, como acontece, por exemplo, nos gêneros digitais hiperconto e miniconto.

Seja na concepção teórica de Hayles (2009), seja na concepção teórica de Jenkins (2009), com o surgimento dos *vlogs*, e alguns outros gêneros disponibilizados na internet (como o meme, a novela digital etc.), os adolescentes têm acesso a conteúdos diversificados por meio de publicações disponibilizadas na rede. Esses conteúdos, por sua vez, possibilitam processos de interação por meio de ferramentas dinâmicas para opinar, interagir (por meio dos comentários postados nas plataformas) e reagir (por meio das ferramentas para curtir ou deixar *likes*).

Ademais, com as análises empreendidas, foi possível chegar aos resultados esperados, validando a proposição inicial de que o *vlog* possui as características formadoras de um gênero, que na perspectiva de Bakhtin (2003) são: conteúdo temático, estrutura composicional e o estilo. Desse modo, é possível afirmar que o *vlog* enquadra-se na categoria de gênero discursivo digital.

Ao observar o gênero na perspectiva da produção (e não somente da recepção de textos), percebe-se que a tecnologia tem fomentado o processo de criação, alçando os sujeitos de uma postura de meros leitores para a também de autores. Eles querem produzir, criar seu próprio conteúdo, seu próprio *vlog*, sua própria obra literária, enfim, almejam, de uma certa maneira, agir sobre o contexto no qual estão inserido. É necessário reconhecer a importância e a dimensão que o gênero *vlog* tem assumido, não podendo ser desconsiderado como significativo na formação do sujeito enquanto aquele que atua de modo consciente e tenta transformar a realidade da qual faz parte.

Notas

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MSTMdnS64Uw>. Acesso em: 17 abr. 2018.

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WiMMMnQaJYI>. Acesso em: 17 abr. 2018.

³ DIY é a sigla da expressão em inglês *Do It Yourself*, que significa, em uma tradução livre para a língua portuguesa, “Faça Você Mesmo”.

⁴ Estamos considerando, neste artigo, “público aleatório” aqueles espectadores que assistem ao *vlog* de determinado *vlogger* sem maiores interesses, assistindo ao vídeo por recomendação de amigos ou simplesmente sem intenção de curtir, comentar ou fazer maior uso do conteúdo.

⁵ O título do *vlog* é uma alusão direta à obra do autor norte-americano John Green. Em inglês, o nome do livro é *Looking for Alaska*.

Referências

AMARO, Fausto. Por um estudo dos vlogs: apontamentos iniciais e contribuições teóricas de Marshall McLuhan. *Contemporânea*, Rio de Janeiro, v.9, n.2, p. 153-168, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARRETO, Juliano. Internautas incrementam blogues com vídeos digitais. *Folha de São Paulo*, São Paulo, p. F2, 24 nov. 2004. Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u17523.shtml>. Acesso em: 30 dez. 2016.

BAUER, Cacaí. *Tipos de mães – feliz dia das mães, mamães!* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WiMMMnQaJYI>. Acesso em: 17 abr. 2018.

CILTO, Eduardo. *Quem é você, Alasca?* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MSTMdnS64Uw>. Acesso em: 17 abr. 2018.

HAYLES, Katherine. *Literatura eletrônica: novos horizontes para o literário*. São Paulo, Global Editora, 2009.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo, Editora Aleph, 2009.

POLONI, Gustavo; MAIA, Felipe; CAPUTO, Victor. O Império Nerd contra-ataca. *Revista Info*, n. 303, p.46-55, maio 2011.

ROJO, Roxane; Moura, Eduardo. *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola editorial, 2012.

Para citar este artigo

VALÊNIA, Anair; AMORIM, Yuri Pereira de. Interação e participação significativa: características e estruturação do gênero vlog. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 7, n. 3, p. 687-705, set.-dez. 2018.

Os autores

Anair Valênia é professora da Universidade Federal de Goiás-UFG, docente no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem- PPGEL/UFG e membro da American Organization of Teachers of Portuguese-AOTP.

Yuri Pereira de Amorim é graduando em Letras com habilitação em Português pela Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística (UAELL) da Universidade Federal de Goiás (UFG - Regional Catalão).